Santo Estêvão

I

> *NAQUELLES dias porém — dizem os Atos dos Apóstolos, capítulo VI, versículos 1 a 6 —, crescendo o número dos discípulos, se moveo huma murmuração dos Gregos contra os Hebreos pelo motivo de que as suas viuvas erão desprezadas no serviço de cada dia. Pelo que os doze convocando a multidão dos discípulos, disserão: Não he justo que nós deixemos a palavra de Deos, e que sirvamos ás mezas. Por tanto, irmãos, escolhei d'entre vós a sette varões de boa reputação, cheios do Espirito Santo, e de sabedoria, aos quaes encarreguemoos d'esta obra. E nós attenderemos de continuo á oração, e á administração da palavra. E aprovou este arrazoamento a toda a junta. E elles escolhêrão a Estevão, homem cheio de fé, e do Espírito Santo, e a Filipe, e a Prócero, e a Nicanor, e a Timão, e a Pármenas, e a Nicoláo proselyto d'Antioquia. A estes apresentárão diante dos apostolos: e orando pozerão as mãos sobr'elles.*

II

Foi sobretudo entre os pobres que a Igreja de Jerusalém, nesses primeiros dias, se recrutou. Mas os fiéis que haviam abraçado o cristianismo viam-se, por isso mesmo, privados das esmolas que recebiam das sinagogas. As rivalidades que existiam entre os judeus gregos de origem e os hebreus, no seio do mosaísmo, continuaram mesmo depois da conversão deles ao Evangelho. A fim de prevenir todas as reclamações a que dava lugar a distribuição cotidiana das esmolas, os Apóstolos escolheram sete diáconos, tirados na maior parte, sem dúvida, dos setenta e dois discípulos do Salvador, e os encarregaram dessa função.

III

Por que sete diáconos, e não seis ou oito? O número sete é um número misterioso, que volta com frequência na Escritura. Assim como há no céu sete Anjos, de ordem superior, que assistem ao trono de Deus e são os seus principais ministros, o número sete foi escolhido pelos Apóstolos para que a Igreja militante se tornasse nisso, como em tudo o mais, a imagem da Igreja triunfante.

IV

Com efeito, os sete diáconos, cuja dignidade se aproximava da dos Apóstolos, foram os seus primeiros ministros. Daí vem que, na origem, Roma, fiel guardiã dos símbolos cristãos e das tradições apostólicas, teve sete diáconos chamados Regionários, encarregados, entre outras funções, de acompanhar o bispo quando pregava, como testemunhas da ortodoxia de sua doutrina. Com o tempo, tendo aumentado o número dos fiéis, foi preciso aumentar também o número dos diáconos.

V

Santo Estêvão, chefe dos sete diáconos apostólicos e primeiro dos mártires, era um jovem magnífico, cheio de ardor e muito instruído nas Escrituras; haviam-lhe dado essa preciosa ciência na escola do venerável doutor Gamaliel, onde teve por condiscípulo Saulo, seu primo-irmão, depois o apóstolo são Paulo; são Barnabé e vários outros também a frequentaram. Dócil à graça, Estêvão converteu-se ao cristianismo, cujas salutares doutrinas pregava com a dupla eloquência da palavra e dos milagres. Daí resultou que grande número de sacerdotes se converteram e que o número dos fiéis crescia dia a dia.

VI

Os sucessos do jovem pregador e a popularidade de que gozava deram lugar a violenta perseguição. Foi suscitada por alguns membros da Sinagoga, chamados Libertos, Cireneus, Alexandrinos, Cilícios e Asiáticos. Esses homens quiseram disputar com Estêvão, mas não puderam resistir à sabedoria e ao Espírito que falava por sua boca.

É preciso saber que havia em Jerusalém cerca de quatrocentas e oitenta sinagogas ou capelas, onde se reuniam os judeus das diferentes partes da terra, vindos à cidade santa para as grandes solenidades. Era mais ou menos como ainda hoje em Roma: ao lado do Vaticano, metrópole da cristandade, cada nação tem sua igreja ou capela particular.

VII

Os libertos eram judeus romanos, cujos antepassados, levados como escravos à Itália no tempo de Pompeu, haviam sido depois libertados por seus senhores e se haviam estabelecido em grande parte em Roma, onde obtiveram direito de cidadania dos imperadores Augusto e Tibério. O judeu é uma raça feita para dominar. Na Antiguidade, José, Mardoqueu e Daniel são a prova disso; ainda hoje todos conhecem o poder do filho de Israel.

Em Roma o seu número havia crescido tanto que mais de oito mil deles puderam juntar-se aos deputados vindos da Judeia, depois da morte de Herodes, para pedir que seu filho Arquelau fosse excluído do trono. O próprio Cícero atesta a grande influência que exerciam nas assembleias do povo romano, e só ousa falar contra eles em voz baixa, por medo de comprometer-se.

VIII

Os cireneus eram descendentes dos judeus que haviam sido transportados ao Egito e à Líbia pelo primeiro dos Ptolomeus. Os alexandrinos eram uma parte desses mesmos judeus, que se haviam estabelecido em Alexandria. Souberam granjear o favor de Alexandre e obter dos reis do Egito grandes vantagens. Quanto aos judeus das províncias da Cilícia e da Ásia, hoje a Turquia, achavam-se em posição semelhante.

A presença dos judeus no mundo inteiro, antes do advento de Nosso Senhor, tinha uma razão providencial. O antigo povo de Deus devia ser o preparador do novo, dando a conhecer aos gentios tanto o culto figurativo do verdadeiro Deus como as Sagradas Escrituras. Infelizmente para os judeus, a maioria nada compreendeu desse desígnio de misericórdia e tornou-se sério obstáculo ao estabelecimento do Evangelho. São Paulo os encontrou em quase todas as cidades da Ásia, suscitando contra ele tumultos, fazendo-o expulsar e apedrejar. Os Atos dos Apóstolos dão disso numerosas provas.

IX

Uma das primeiras foi a oposição obstinada que fizeram a santo Estêvão. Para perdê-lo, não recuaram diante de nenhum meio. Uns recorreram a falsos testemunhos, e o próprio Saulo esqueceu os laços do sangue. Um dia, pois, em que o jovem diácono pregava com o seu ardor e os seus sucessos costumeiros, lançaram-se sobre ele, arrastaram-no e levaram-no ao Sinédrio, acusando-o de haver blasfemado contra Deus e contra Moisés. Estêvão defendeu-se vitoriosamente. Depois de justificar-se, atacou seus inimigos e censurou-lhes, bem como aos judeus em geral, a obstinação e a oposição à verdade, manifestada por tantos milagres.

X

> *[...] vós — acrescentou ele ao terminar sua esmagadora defesa —, que recebestes a lei por ministerio dos anjos, e não na guardastes. Ao ouvir porém taes palavras, enraiveciao-se dentro nos seus corações, e rangião com os dentes contra elle. Mas como elle estava cheio do Espírito Santo, olhando para o ceo, vio a gloria de Deos, e a Jesus que estava em pé á dextra de Deos. [...] Então elles levantando huma grande grita, tapárao os seus ouvidos, e todos*

> *juntos arremettêrão a elle com furia.*

> *E tendo-o lançado para fora da cidade, o apedrejavão: e as testemunhas depozerão os seus vestidos aos pés d'hum moço, que se chamava Saulo. E apedrejavão a Estevão, que invocava a Jesus, e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. E posto de joelhos, clamou em voz alta, dizendo: Senhor, não lhes imputes este peccado. E tendo dito isto, dormio no Senhor. E Saulo era consentidor na sua morte.*

XI

O ilustre diácono foi martirizado fora de Jerusalém, para que a cidade não fosse maculada pela morte de um blasfemo. O lugar onde se apedrejavam os criminosos ficava mais ou menos a dois mil côvados do templo, no vale de Josafá, entre o monte das Oliveiras e Jerusalém, e no fundo do qual corre o torrente do Cedrão.

Até a nossa época o lugar consagrado pelo sangue de santo Estêvão permaneceu em grande veneração, e a porta de Jerusalém que dá para esse vale chama-se porta de Santo Estêvão. Durante a execução, a Santíssima Virgem e são João permaneceram em oração sobre um fragmento de rocha, objeto da veneração particular dos antigos peregrinos. No próprio lugar onde morreu o jovem mártir, a imperatriz Eudóxia mandou construir uma esplêndida basílica. Assim o divino Mestre proporciona a seus próprios amigos uma glória temporal que desafia o curso dos séculos.

XII

Quando o julgamento era regular, e não, como nessa circunstância, tumultuoso e desordenado, os juízes permaneciam reunidos no tribunal enquanto o condenado era levado ao suplício. Um homem ficava à porta da sala, tendo na mão um lenço. Um cavaleiro estacionava a certa distância dele, de modo que pudesse ser visto por ele. Se aparecia alguém que tivesse algo a dizer em defesa do acusado, o que estava à porta do tribunal fazia um sinal ao cavaleiro, e o condenado era reconduzido diante dos juízes. Este podia igualmente, mesmo enquanto o conduziam ao suplício, pedir novo interrogatório. Mas, se já não se apresentavam testemunhas em seu favor, ele partia pela última vez.

XIII

Entretanto, para satisfazer até o fim ao direito da justiça, um pregoeiro público precedia o cortejo, gritando: *«Eis o seu nome e o seu crime; que se apresente quem o quiser defender.»* A dez passos do lugar da execução recebia-se a confissão do pobre pecador, a fim de assegurar a salvação de sua alma; pois, segundo o Talmude, aquele que antes de morrer confessa seus pecados com arrependimento participa da vida eterna.

XIV

Quando chegava a quatro passos do lugar do suplício, tiravam-lhe as vestes até a cintura e davam-lhe a beber o licor dos supliciados. Depois de lhe atarem os pés e as mãos com cordas, apedrejavam-no. Os executores da sentença eram as testemunhas de acusação.

Eis por que lemos nos Atos dos Apóstolos:

> *as testemunhas depozerão os seus vestidos aos pés d'hum moço, que se chamava Saulo [...] e Saulo era consentidor na sua morte.*

Ora, Saulo era primo-irmão de santo Estêvão e seu condiscípulo na escola de Gamaliel! Assim, a amizade da infância e até os laços do sangue desapareceram diante do fanatismo do jovem fariseu! Eis por que Saulo, feito são Paulo, acusa-se de ter sido o maior dos pecadores.

XV

As palavras do texto sagrado: *Saulo consentiu em sua execução* significam que Saulo havia votado a morte de santo Estêvão e que assistiu ao suplício como comissário do Sinédrio. Essa é a razão por que as testemunhas depuseram as vestes a seus pés. Era uma maneira de exprimir que era dele, como representante do grande conselho, que elas tinham o direito de apedrejá-lo. Saulo não estava, pois, ali como simples espectador ou para guardar as vestes das testemunhas, como se poderia crer. Por que, aliás, as guardaria? Seria para impedir que as furtassem? Mas a execução se fazia em público, e ninguém, aliás, podia ter grande tentação de roubar as vestes de um carrasco.

XVI

É verdade que Saulo é chamado adolescente. Se essa palavra tivesse entre os judeus o mesmo sentido que tem entre nós, mal se conceberia como Saulo pudesse sentar-se entre os juízes de santo Estêvão. Mas entre os antigos era-se considerado adolescente ou jovem até trinta e poucos anos. Aliás, o que prova que tinha realmente nessa época a idade que a tradição lhe atribui é que, trinta e cinco anos depois, em sua carta a Filêmon, ele se chama velho; e que, segundo o testemunho de são João Crisóstomo, foi decapitado aos sessenta e oito anos de idade, no décimo

terceiro ano do reinado de Nero.

XVII

A morte do primeiro mártir certamente deixou na região lembranças profundas o bastante para que não fosse esquecida. Teve lugar, portanto, segundo a constante tradição da Igreja, a 26 de dezembro do ano 33, e a conversão de Paulo, a 25 de janeiro do ano 34 depois de Nosso Senhor. Como se vê, a oração do santo mártir não tardou a produzir seu efeito, e seu sangue logo suscitou o homem que o devia substituir.

XVIII

Duas outras tradições relativas à morte de santo Estêvão são referidas, uma pelo venerável Padre Melchior de Helmont, franciscano, e a outra por santo Agostinho. O primeiro, que vivia no começo do século XVII e havia habitado longo tempo em Jerusalém, diz que ainda se via em seu tempo a pedra sobre a qual santo Estêvão, ao expirar, caíra de costas, e que essa pedra trazia a marca da cabeça e dos ombros do santo mártir: afirma tê-la visto. Por que o bom Mestre não teria feito, para glorificar sua primeira testemunha, um milagre semelhante ao que ele mesmo fez, deixando impressa, no cume do monte das Oliveiras, a marca de seus pés sobre a pedra de que subiu ao céu?

XIX

Santo Agostinho diz num de seus sermões que a pedra que feriu o cotovelo do mártir foi recolhida por um piedoso cristão e levada a Ancona, na Itália, onde operou muitos milagres. O fato é que, desde tempo imemorial, a cidade celebra a festa dessa venerável pedra, a 3 do mês de agosto, dia em que caiu mais tarde a festa da invenção de santo Estêvão: daí vem que as duas solenidades se fazem no mesmo dia.

XX

Também aqui nada há de espantoso. Por um lado, seria preciso rasgar todas as páginas da história para negar os milagres operados pelos objetos que pertenceram aos santos e até que tocaram suas relíquias.

Por outro lado, todos sabem que, desde o martírio do Salvador no Calvário até o martírio de seus filhos, em Roma, no Oriente, no Ocidente e ainda hoje, no Tonquim, na Cochinchina e na China, corajosos cristãos recolhem com religioso cuidado tanto o sangue dos mártires como os instrumentos de seus suplícios.

XXI

Esse sangue derramado por Jesus Cristo tem uma virtude divina, que comunica aos objetos que o fizeram correr. A lança que transpassou o lado sagrado do Salvador chama-se a santa Lança e é venerada pela Igreja quase como a Cruz.

Esse culto devido às relíquias dos mártires remonta aos primeiros dias do cristianismo. Deus o recompensa com milagres; muitas vezes até o provoca por revelações, como fez a respeito de santo Estêvão e de muitos outros mártires, conforme se verá na biografia seguinte.[1]

Notas

[1] Ver: Baron., an. 34, n.308 e segs.; id., Annotat. ad Martyrol. Rom., 3 aug.; S. Aug., Serm. 31 de Sanctis e 32 de diversis; Sepp, Vie de N.-S. J.-C., t. II, c. vi e vii; Numer. xxiv, 14; S. Chrys., Homil. de princip, app.; Drach, Harmonie de l'Égl., etc.; Cor. a Lap. in Act. Ap. c. vi integrum, etc., etc.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:05:19 by Admin
Updated 27 November 2026 01:05:20 by Admin